



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita ao Centro de Treinamento Profissional do Senai e encontro com a comunidade brasileira residente no Timor-Leste**

**Díli – Timor-Leste, 11 de julho de 2008**

Quero, primeiro, cumprimentar o ministro da Educação do Timor-Leste, companheiro que está nos acompanhando desde a hora em que chegamos ao aeroporto, às 7 horas da manhã.

Quero cumprimentar os companheiros brasileiros que vão comigo à Indonésia, para depois voltarem ao Brasil.

Meus companheiros e companheiras,

Aqui, Celso, tem missionários e missionárias, professores e professoras, gente de cooperação técnica do Senai, gente da Justiça, gente da Polícia Militar, trabalhadores voluntários, gente de ONGs... Misturando todos vocês e colocando num liquidificador, a gente vai perceber que tem um conjunto de brasileiros e brasileiras que, independentemente da entidade ou instituição de que participam, vieram para cá dispostos a abrirem suas almas e dedicarem o seu conhecimento para ajudar o povo do Timor-Leste a transformá-lo numa pátria efetivamente democrática, soberana e justa.

É por isso que vocês estão aqui. Eu tenho consciência de que muitos não estão aqui por causa de salário – se bem que todo mundo tem que sobreviver –, porque se fosse só por salário, cada um ficaria no seu mundo e não colocaria o seu tempo para viajar para tão longe e trabalhar com gente que se sabe que precisa mais do que a gente.

O mundo, na verdade, é tocado por governantes, pelas grandes figuras públicas que a gente vê nos jornais e na televisão todo santo dia. Mas, no fundo, no fundo, o mundo é tocado por pessoas que têm a alma nobre como



vocês e que se dedicam a tentar ajudar o próximo. Tem gente até com camisa do Botafogo aqui. Tem gente de Santo André.

Eu queria dizer a vocês que esta nossa vinda ao Timor-Leste é porque o Brasil – antes da independência e depois de toda a confusão que houve aqui no Timor-Leste –tem uma relação de parceria com muita gente daqui, temos uma amizade muito grande com o governo do Timor-Leste, e temos um carinho muito grande por este país que conseguiu a sua independência às custas de muito sofrimento. O Brasil tem feito algumas coisas para ajudar o Timor-Leste. Tudo o que a gente passa é sempre muito pouco porque as necessidades são muito grandes.

Eu quero dizer a vocês que quando eu chego aqui, entro numa sala e vejo mulheres com uma máquina de costura, aprendendo uma profissão; vejo mulheres ali numa padaria, aprendendo a fazer doces e pães deliciosos; e vejo a meninada aprendendo na marcenaria, eu acho que o começo de uma grande reviravolta está sendo dado.

Este aqui é um país para ser construído e o governo quer construir. A nós, brasileiros – seja o presidente da República, o ministro das Relações Exteriores –, e a vocês só cabe perguntar: o que vocês querem que a gente faça? A gente quer contribuir para ajudar vocês a vencer, a se transformar num país socialmente justo, muito democrático e para que o povo viva mais feliz.

Nós vamos sair daqui com muito mais tarefas, com muito mais responsabilidades. Tivemos reunião com o presidente, tivemos reunião com o primeiro-ministro, tivemos reunião com o presidente do poder Judiciário, fomos à Assembléia e nós vamos sair daqui sabendo um pouco mais das necessidades que o Timor-Leste tem e vamos voltar para o Brasil com o compromisso de ajudar a organizar mais coisas para poder trazer para cá.

Vocês sabem que nós estamos, há algum tempo, com a política externa voltada para uma política forte de solidariedade com os países mais pobres, sobretudo, com os países africanos. O Brasil está determinado a pagar uma



dívida secular que nós temos com o Continente Africano, nós não vamos poder pagar em dinheiro, mas vamos poder pagar em serviços. Vamos abrir uma universidade no Ceará, para ter estudantes africanos e estudantes brasileiros. Vamos abrir uma universidade Latino-Americana. A nossa prioridade vai ser ligada à CPLP, portanto, o Timor-Leste, que faz da CPLP vai poder participar da nossa universidade, que nós esperamos que esteja pronta em 2010, já com alguns alunos começando a estudar.

Eu penso que isso vai permitir que mais gente volte aqui visitando o Timor-Leste. O ministro Miguel Jorge pode mandar gente do Ministério aqui para discutir com os companheiros do Timor-Leste, organização empresarial. O Ministro da Educação pode vir aqui para ajudar a discutir mais coisas para a gente ajudar, o Ministro da Justiça pode vir aqui, o Ministro do esporte pode vir aqui ajudar, porque é uma área que a gente precisa tratar com muito carinho, por causa dessa juventude. Se a gente não der tarefas e ela ficar sem perspectiva, é meio caminho para a desgraça (inaudível). Então nós estamos preocupado.

Obviamente que cada passo que nós dermos, nós só daremos um passo de comum acordo e com a anuência do governo do Timor-Leste, porque nós estaremos subordinados às necessidades e à vontade do governo do Timor-Leste. Se não for assim, não tem política de solidariedade, porque a primeira coisa que nós temos que fazer é respeitar, porque isso aqui é um país soberano, tem governo eleito democraticamente e nós somos solidários a ele. Nós estamos aqui em um trabalho de solidariedade aos companheiros do Timor-Leste e vamos aumentar essa solidariedade até que eles digam para nós: “Não queremos mais, vocês podem ficar no seu canto no Brasil”. Mas enquanto eles estiverem precisando e nós tivermos gente como vocês, nós estaremos dispostos a dar essa contribuição. Agora estão chegando mais 50 professores, chegou um pouco hoje e vão chegar os outros 50. O nosso embaixador tinha dito que tinham vindo 50 computadores, mas só vieram 20



por causa do avião. Nós vamos ter que mandar mais gente para cá para trazer os outros computadores que tem que trazer.

Eu quero agradecer ao Ministro da Educação. Obviamente que eu vou agradecer ao Presidente lá no Aeroporto, mas quero dizer que essa viagem que nós fizemos aqui, para mim foi gratificante. Mais gente do Brasil precisa vir para cá, mais autoridades brasileiras precisam viajar, porque vendo de perto o problema é que a gente tem sensibilidade para saber: eu posso ajudar. E o Brasil pode ajudar na área da saúde, pode ajudar na área da educação, pode ajudar na área de organização de pequenos empreendedores. Tem muita coisa que o Brasil pode ajudar, sobretudo, na questão da habitação eu acho que nós poderemos ajudar. A Petrobras tem que vir para cá para ajudar a encontrar petróleo. Se (inaudível) está achando muito petróleo, a Petrobras pode vir ajudar.

Então, eu penso que tem um caminho andado. Nós acertamos tanto com o Primeiro-Ministro, quanto com o Presidente, nós vamos criar um grupo executivo do governo brasileiro e do governo do Timor-Leste, para que a gente trabalhe as prioridades de infra-estrutura, a questão de energia elétrica, a questão de estradas e a questão de hidrelétrica. Na hora em que tiver os projetos a gente vai poder discutir como vamos ajudar a construir isso, porque eles precisam de muito para desenvolver este país.

Quero agradecer ao Embaixador pelo carinho com que tem tratado os seus funcionários. Vamos melhorar a Embaixada brasileira, vamos fazer um espaço maior, vamos criar um centro de estudos brasileiros para facilitar a vida do nosso Embaixador e ter um espaço cultural. Tem muita gente que acha que a vida de embaixador é uma vida boa. É boa quando está em Paris, mas quando está num país pobre, quando está em São Tomé e Príncipe, não é uma vida fácil. É uma vida muito, muito difícil. Nós, obviamente, temos uma política já determinada a facilitar que os nossos embaixadores tenham mais condições de trabalho. Compramos até um Ray-Ban para (inaudível) que é para ele



mostrar, dar sinais de que nós estamos fazendo as coisas acontecerem.

Eu queria dizer a vocês o seguinte: eu quero agradecer, do fundo do coração, a dedicação de cada um de vocês. A disposição, o grande coração e a consciência que vocês têm dão a todos nós orgulho de sermos brasileiros. Nós somos o que quiserem que a gente seja, mas somos solidários com quem precisa de nós, e isso nós demonstramos no mundo inteiro: em Moçambique, em Angola, na Guiné Bissau e, sobretudo aqui, onde temos amizade.

Eu me lembro de um dia, quando estava em Portugal, encontrei com um grupo de companheiros que foram ao hotel me procurar e me falaram, pela primeira vez, no Xanana Gusmão, na luta que teve... Em 1991, eu os convidei para um congresso do PT lá em Vitória, no Espírito Santo. Recebemos dois companheiros lá. Aliás, encontramos com eles aqui hoje. De lá para cá, nasceu mais do que uma relação política, nasceu uma relação de amizade. Eles eram oposição, eu era oposição; hoje eles são do governo e eu sou do governo. Se éramos amigos antes, por que não sermos mais amigos depois?

Então, muito obrigado a todos vocês, de coração.

Eu queria levar uma foto de lembrança. Se vocês não se mexerem, para não tumultuar, eu vou aqui na frente, pego uma cadeirinha e sento. O Stuckinha vem aqui em cima, bate a foto, ali (inaudível) com os ministros. Nós sentamos aqui embaixo e bate a foto porque o importante é pegar essa cara boa que vocês estão fazendo.

(\$211B)